

Coletânea de textos sobre as línguas indígenas :

LÍNGUA, MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO



Celebremos as vozes e as memórias dos mais de 5 mil povos indígenas ao redor do globo! No Brasil, um dos países mais multilíngues do mundo, encontramos mais de 175 línguas originárias que resistem bravamente ao processo de apagamento, formando um rico patrimônio a ser preservado e fortalecido, a fim de não se perder. Nossas línguas são a essência de nossos territórios. Seguimos os passos de nossos antepassados: ocupando, demarcando e proclamando que esta Terra possui inúmeros nomes. Esta pátria de vastas florestas oferece uma diversidade de frutos, e as famílias de línguas indígenas são como árvores robustas, com raízes profundas que, mesmo cortadas, conseguem brotar novamente. Quantos sonhos, cantos, flechas e lágrimas foram necessários para que pudéssemos estar aqui, prontos para compartilhar a emoção de viver e escutar o mundo? Para acolher as belas palavras, *nhe'ê porã*, é preciso cultivar atenção, delicadeza e respeito em relação ao que pensamos, fazemos e ao nosso entorno: a Terra é Viva, a Língua é Memória, a Palavra possui Poder e Espírito. Por meio das palavras, desenhamos novos horizontes, criamos alternativas para restaurar os pensamentos. É fundamental ouvir as boas palavras, para que elas possam nos impulsionar, assim como o faz a batida do coração, e recordar que permanecemos no ventre deste *pameri pati*, este mundo de transformação, e deste *öpehko pati*, este mundo do leite sagrado de nossa grande mãe. Que venham os frutos da Década Internacional das Línguas Indígenas!

Faça aqui uma ilustração sobre o texto

TERRA É VIVA

Há milênios, antes mesmo da humanidade, a vida pulsa neste mundo. A Terra, habitada por uma diversidade de seres, guarda em seus cantos os cantos dos pássaros, a brisa suave dos ventos e os habitantes das diversas paisagens. Os povos originários de todos os continentes, ao longo dos séculos, desenvolveram uma escuta atenta, capaz de aprender com a memória do mundo. O sentimento de pertencimento a este lugar e o profundo respeito pelos seres que nele habitam os une na luta pela terra, que é a luta pela vida. Tudo está interligado.

Um território vai muito além de um simples pedaço de terra. Ele representa uma diversidade de habitantes e ecossistemas conectados, bem como a dimensão imaterial da vida, como as línguas e as culturas dos que ali vivem. As línguas indígenas são territórios em si mesmas; territórios de memória, pensamento e espiritualidade. Assim como árvores em uma grande floresta, elas formam comunidades, conectam mundos, espalham sementes e geram vida.

O nome desta exposição, Nhe'ë Porã, é um conceito dos povos Guarani que significa "belas palavras". Nhe'ë Porã é a fala de divina sabedoria carregada de bons sentimentos. Para ser ouvida, precisa ser compartilhada com doçura, unindo a delicadeza do sopro e do espírito (nhe'ë) ao que é belo e bom (porã). Buscamos palavras doces para narrar as trajetórias de resistência e luta dos povos indígenas. E, a partir desse sopro, esperamos encontrar uma escuta cuidadosa e disposta a abrir-se à transformação.

Faça aqui uma ilustração sobre o texto.

UMA SOCIEDADE FEITA DE MUITAS SOCIEDADES

Apesar de muitos brasileiros acreditarem que vivem em um país monolíngue, o Brasil é, na realidade, um país multilíngue. Em nosso território, estima-se a presença de mais de 175 línguas indígenas, faladas por pessoas de 305 etnias diferentes. Essas línguas representam corpos simbólicos complexos e sofisticados, expressando diversas visões de mundo, formas distintas de existir e coexistir, e refletindo uma vasta gama de ideias, valores e sistemas de conhecimento. São verdadeiros tesouros para a compreensão das relações humanas, da natureza, da filosofia, da ciência e para o desenvolvimento sustentável do nosso planeta.

Antes da chegada dos portugueses ao território que hoje compreende o Brasil, estima-se que mais de 5 milhões de habitantes falavam aproximadamente mil línguas diferentes. Infelizmente, grande parte desse patrimônio linguístico se perdeu ao longo do tempo, e atualmente cerca de 40 línguas estão em risco iminente de desaparecimento. Diversos fatores contribuem para essa situação alarmante, incluindo a ação de um sistema socioeconômico e político que promove a discriminação e desrespeita os direitos humanos e as liberdades fundamentais.

A língua é um importante reflexo de uma cultura e também uma poderosa ferramenta de transformação. Quando uma língua se perde, universos inteiros desaparecem junto com ela. Portanto, reconhecer, valorizar e fortalecer a nossa rica diversidade social, cultural e linguística é uma tarefa urgente e essencial. A exposição "Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação" marcará o início da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032) no Brasil. Liderada pela Unesco e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, essa Década tem como objetivo chamar a atenção global para a situação crítica de muitas línguas autóctones e mobilizar recursos e esforços para sua preservação, difusão e promoção.

Nesse contexto, o Museu da Língua Portuguesa apresentará uma programação especial que se estenderá até abril de 2023, com o intuito de conscientizar cada vez mais pessoas sobre a importância das línguas indígenas e seu profundo significado em nossa sociedade, que é composta por diversas sociedades.

Faça aqui uma ilustração sobre o texto.

LÍNGUA É MEMÓRIA

Em todo lugar, cada idioma carrega consigo uma visão única do mundo, uma maneira peculiar de contar as histórias que moldam nossas experiências. Aqui, no vasto território que conhecemos como Brasil, uma diversidade de línguas e culturas sempre floresceu, embora essa riqueza raramente tenha sido devidamente reconhecida nas salas de aula. Em vez de aprendermos sobre a invasão, nos contaram sobre uma suposta descoberta. Antes de 1500, estima-se que mais de mil povos indígenas habitavam essas terras, hoje, apenas cerca de 305 deles resistem, mantendo vivas mais de 175 línguas.

As relações entre os povos nativos e os colonizadores europeus foram marcadas por séculos de violência, onde uma única visão de mundo, uma única língua e uma única noção de território foram impostas de forma brutal. Muito foi perdido nesse processo, e ainda hoje, devido à pressão da língua nacional dominante, ao controle socioeconômico e político e à falta de respeito aos direitos humanos e liberdades fundamentais, as línguas indígenas correm o risco de desaparecer.

Como podemos mensurar a perda de centenas de línguas? O desaparecimento de um idioma equivale ao fim de um mundo. Essa violência, que nunca foi aceitável e persiste até os dias atuais, não pode mais ser tolerada. É imperativo repensar as relações entre as chamadas "civilizações". Afinal, quem está verdadeiramente civilizando quem?

É essencial reconhecer os povos originários como protagonistas, e não mais como meros coadjuvantes da história. Devemos nos sensibilizar com as memórias presentes em suas diversas narrativas, reconstruindo nossas relações para garantir o bem-estar das futuras gerações.

Faça aqui uma ilustração sobre o texto.

PALAVRA TEM PODER

Desde tempos imemoriais, a potência da palavra está na força criadora capaz de tecer e transformar mundos, sejam territórios materiais ou imateriais. As mensagens e os cantos dos mais velhos expressam a coerência entre sentimento, pensamento, palavra e ação.

Os indígenas carregam a consciência de que cada palavra é uma flecha lançada para defender sua vida e seus territórios. A partir do protagonismo em diferentes espaços da sociedade as ações contemporâneas dos povos originários no mundo se manifestam em múltiplas linguagens como estratégias de uma luta que abraça a diversidade em defesa da existência.

Cada vez maior, o protagonismo dos povos indígenas rompe definitivamente com a tutela, o paternalismo e o racismo que marcaram as relações com as instituições ocidentais durante séculos. É um caminho sem volta: nada sobre nós, sem nós! Seja por meio da comunicação, do cinema, da música, da literatura, das artes, dos espaços educacionais e até mesmo do humor, as narrativas contemporâneas são as novas flechas que assumem seu poder de transformação. Que essas flechas possam atingir em cheio os corações para sensibilizar e encantar e que nossos pensamentos sejam redirecionados para uma forma responsável e suave de caminhar sobre a Terra.

Faça aqui uma ilustração sobre o texto.

PALAVRA TEM ESPÍRITO

Somos os habitantes da misteriosa floresta, onde nosso estudo se realiza de forma única e intrigante. Aprendemos segredos ancestrais ao ingerir o pó de yākoana, tal como faziam os xamãs mais antigos. Este pó nos transporta para além do nosso corpo, permitindo-nos combater os espíritos malignos e reparar o próprio céu.

Os xapiri nos ensinam os mistérios dos seus cantos, fazendo com que as palavras cresçam e se fortaleçam em nossas mentes. É através desse contato com o mundo espiritual que aprendemos a pensar de forma correta, dispensando assim a necessidade de papéis e canetas. O poder da yākoana é tudo o que precisamos para expandir nossos horizontes.

Com olhos de quem verdadeiramente vive a floresta, enxergamos além do visível. As palavras que narram a criação da humanidade pertencem a Omama e são transmitidas pelos grandes homens em seus discursos, lembrando os tempos em que seus antepassados habitavam a terra. Os xamãs, ao se tornarem espíritos, entoam essas palavras em seus cantos, que ecoam eternamente em nossos corações. Assim, as tradições se mantêm vivas em nós, nunca se perdendo no tempo.

Davi Kopenawa nos convida a mergulhar nesse universo de mistérios e saberes ancestrais, onde o contato com o sagrado se torna a essência do nosso estudo. É assim que a floresta revela seus segredos mais profundos, guiando-nos numa jornada de autoconhecimento e conexão com o divino.

Trecho de A queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Faça aqui uma ilustração sobre o texto.

RESISTÊNCIA INDÍGENA

Antes da chegada dos europeus em 1500, mais de mil povos diferentes habitavam o território brasileiro, cada um com suas culturas únicas e diversificadas. Desde então, inúmeras guerras e conflitos têm dizimado a população indígena. Apesar disso, os povos indígenas resistem diariamente contra toda forma de violência, lutando pela garantia de seus direitos e pelo reconhecimento de seus territórios, que abrigam uma vasta biodiversidade.

Atualmente, existem no Brasil aproximadamente 305 povos indígenas, que falam mais de 175 línguas diferentes. É crucial evitar novos massacres e proteger as próximas gerações, marcando e preservando as terras indígenas, combatendo o garimpo e o desmatamento, além de fortalecer as línguas e culturas desses povos. A defesa das terras indígenas não é apenas uma questão de proteção do meio ambiente, mas também de salvaguarda da vida em todas as suas formas.

Faça aqui uma ilustração sobre o texto.

FONTE: os textos desta coletânea foram elaborados pelos alunos da escola Nhu Porã tendo como base o LIVRO NHE PORÃ, eles servem para inspirar a reflexão e o debate.

Exposição sobre a língua indígena.

Link direto da exposição:

<https://nheepora.mlp.org.br/?fbclid=IwAR1OMwrE0GC4syj2W290Cf4EfMwP6QBTlH6ZFHou-Lrmg5pEyR3A91nGaA>

A exposição HE'Ë PORÃ: Memória e Transformação propõe ao público uma imersão em uma floresta cujas árvores representam dezenas de famílias linguísticas às quais pertencem as línguas faladas hoje pelos povos indígenas no Brasil – cada uma veicula formas diversas de expressar e compreender a existência humana. A exposição, que conta com a articulação e o patrocínio máster do Instituto Cultural Vale, busca mostrar outros pontos de vista sobre os territórios materiais e

imateriais, histórias, memórias e identidades desses povos, trazendo à tona suas trajetórias de luta e resistência, assim como os cantos e encantos de suas culturas milenares.

BAIXE O CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

Contando com a participação de cerca de 50 profissionais indígenas – entre cineastas, pesquisadores, influenciadores digitais e artistas visuais como Paulo Desana, Denilson Baniwa e Jaider Esbell -, a mostra tem curadoria de Daiara Tukano, artista, ativista, educadora e comunicadora indígena; consultoria especial de Luciana Storto, linguista especialista no estudo de línguas indígenas; e coordenação de pesquisa e assistência curatorial da antropóloga Majoí Gongora, em diálogo com a curadora especial do Museu da Língua Portuguesa, Isa Grinspum Ferraz. A abertura da exposição marca, no Brasil, o lançamento da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032), instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU) e coordenada pela UNESCO em todo o mundo.